



TRAJETÓRIAS FEMINISTAS PELO UNIVERSO ECUMÊNICO E INTERRELIGIOSO

Ivone Gebara*

Breve enquadramento histórico

Consulto apenas minha memória para partilhar uma trajetória bonita que muitas mulheres construíram no Brasil, na América Latina e em outros lugares do mundo. Através de um diálogo múltiplo em vista da construção de novos sentires e de novos sentidos marcados pela tradição cristã fizemos um largo caminho juntas. Como minha e nossa memória é sempre limitada e marcada por inevitáveis ausências peço que me desculpem as imprecisões e que completem essa breve narrativa com sua própria experiência e lembrança. Salvo raras exceções, não citei nomes para não esquecer de ninguém, mas saibam que em tudo o que escrevi há nomes, há pessoas maravilhosas que teceram a história presente nessa narrativa.

Começo lembrando alguns dados históricos do passado que marcaram minha vida e de muitas companheiras/os. Por muitos séculos nos chamávamos católicos romanos e protestantes, de irmãos/irmãs separados/as. A expressão me incomodava muito e confesso que não a entendia com clareza. Tinha primas e primos membros de igrejas protestantes, amigos da família e não me sentia separada delas e deles. Na Igreja Católica a expressão ‘separados’ era usual a ponto de termos que confessar aos padres quando frequentávamos uma Igreja Protestante ou cristã ortodoxa. Tal atrevimento era considerado um pecado. Numa ocasião confessei que tinha estado num culto protestante com meus pais e o padre me deu como penitência a proibição de ir a qualquer Igreja protestante. Imaginem o que isso significava para uma menina de 10 anos obediente por um lado às ordens familiares e por outro aos ensinamentos da Igreja Católica. Não entendia esses discursos separatistas, mas como temia o pecado como ofensa a Deus tentava aceitar a minha sina de pecadora. Meu pecado se repetiu por outras vezes e sempre me sentia temerosa de confessar-me e ter uma advertência que minha família não respeitava. Essa mentalidade provinda do século

* Freira católica, filósofa e teóloga feminista. E-mail: ivonegebara@gmail.com



XVI e XVII europeus tornou-se uma espécie de herança que marcou uma relação conflitual e separatista entre as igrejas e sobretudo na vida de muitos fiéis.

A separação era marcada por subtendidos que mostravam que os 'separados' eram sempre os outros, os não católicos romanos, as pessoas desobedientes às leis divinas. Havia narrativas que culpabilizavam os separados para mostrar que nós, o lado fiel, éramos o verdadeiro rebanho do Senhor e eles se haviam distanciado por insubordinação. Do outro lado, o protestante, havia também uma desconfiança e uma certa acusação de ignorância, pois os católicos não eram conhecedores da 'Palavra de Deus' e idolatravam santos, anjos e imagens. A guerra religiosa estava em nossa cultura!

A partir das décadas de 1960 e 1970 o cenário mudou. Se começou a falar de diálogo ecumênico e muitos encontros passaram a ser organizados por grupos de cristãos de diferentes igrejas que se dispunham a construir uma nova união do Corpo de Cristo dividido por razões as mais diversas. A sensibilidade ecumênica começou a se desenvolver no mundo cristão e muitas iniciativas de trabalhos ecumênicos, centros de formação, intercâmbios entre escolas de teologia se organizaram no país e no continente latino-americano. Nos aproximávamos mais, frequentávamos aulas comuns, fazíamos estágios pastorais em terrenos católicos e protestantes. Começamos a perceber que uma aproximação entre nós era benéfica e muito importante para o crescimento mútuo. Afinal, as rixas e convulsões do passado não deveriam continuar alimentando separações e acusações mútuas quando a realidade do país e do mundo exigia que nos uníssemos para combater injustiças locais e mundiais. Penso que foram os desafios e dores do mundo em que vivíamos que foram nos aproximando, criando laços de amizade entre nós e fazendo-nos superar comportamentos estreitos e acusatórios de uns e outros. Começamos a escrever um novo capítulo da história do cristianismo!

Feminismo e Ecumenismo: resumo de uma longa história

No final da década de 1970 e sobretudo na década de 1980 o feminismo começou a desenvolver-se de forma tímida nas diferentes igrejas. Cada vez mais nós mulheres tomávamos consciência de que, de diferentes formas nas Igrejas cristãs, como na vida em sociedade, éramos consideradas como cidadãs de segunda classe. Com mais acuidade e criticidade começamos a perceber algumas causas do sofrimento social das mulheres pobres em nossas periferias citadinas e no campo. A maioria das sem-terra e das sem-teto eram mulheres que carregavam filhas e filhos por onde andavam, sofriam violência doméstica e violência social de diferentes tipos. Mais além de sua pertença a qualquer igreja ou religião, suas dores ressoavam em nós e as nossas nelas, como se precisássemos juntas mudar o rumo de nossa história.

A partir desse momento começamos também um intercâmbio institucional e um aprendizado maior entre nós. Creio ter sido uma das primeiras filólogas teólogas católicas a ser convidada pelo Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos (ISEDET) de Buenos Aires, Argentina, para ministrar um curso e em seguida participar de vários encontros no final da década de 1980. Tive a oportunidade de conhecer gente extraordinária que me marcou para a vida toda. Em seguida foram as mulheres estudantes da Escola Superior de Teologia – EST (IECLB) de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, que ousaram me convidar desobedecendo as ordens da direção da Faculdade. Esta alegava falta de fundos financeiros para pagar a minha viagem, pois na ocasião eu morava em Recife. Muito embora eu tivesse acordado que não cobraria honorários das estudantes a negativa persistia. Era sem dúvida uma bela desculpa, pois tinham acabado de convidar um eminente teólogo alemão para algumas conferências. As estudantes da época, jovens corajosas, se organizaram entre elas e conseguiram com grandes esforços pagar a minha passagem aérea. Passamos uma semana juntas estudando e partilhando nossas muitas perguntas e respostas provisórias. A maioria delas, hoje, são reconhecidas pastoras, teólogas e biblistas ministrando cursos no Brasil e no exterior. Sofrem, todavia, da mesma desconfiança em relação ao trabalho eclesial das mulheres, visto que suas vozes são minimizadas e as questões feministas que levantam são ainda pouco consideradas pela oficialidade de suas Igrejas. Fui igualmente convidada algumas vezes pela Igreja Metodista que na década de 80 e 90 abria espaços significativos para o pensamento feminista, assim como um pouco mais tarde pela Igreja Batista de Maceió, Alagoas. Nossos encontros eram sempre marcados por muita alegria, poesia e apoio mútuo.

Não escrevo sobre encontros e convites internacionais embora não possa deixar de lembrar da EATWOT, Associação Ecumênica dos teólogos/as do Terceiro Mundo. Os encontros internacionais eram de grande riqueza de conteúdos, porém pobres em relação à acolhida das contribuições feministas. Sempre foi claro para nós, as teólogas participantes, o papel secundário que tínhamos nas diferentes conferências. Os teólogos, salvo raras exceções, tinham muita dificuldade em aceitar as teorias feministas e o feminismo como um movimento emancipatório importantíssimo para as teologias da libertação. Acreditavam que o movimento era fruto de ideias provindas do imperialismo norte-americano e corria o risco de se imiscuir na pureza social dos movimentos de libertação da América Latina. Temiam a divisão das lutas emancipatórias e não percebiam a diversidade de sujeitos presentes e participantes delas. Nós teólogas participantes, representando diferentes partes do mundo e diferentes tendências teológicas fomos, com o tempo, perdendo cada vez mais o entusiasmo na participação nesses encontros frente às dificuldades que sentíamos de acolhida de um questionamento a partir das questões de gênero. Muitas vezes éramos objeto de riso e de discreta desvalorização de nossos aportes e sentíamos que nossa presença incomodava eminentes pensadores da religião. Participamos durante anos desses encontros e apesar da riqueza de conteúdos e de experiências houve a pobreza dos limites de

visões teológicas e culturais naturalizadas. A diversidade de caminhos era evocada, porém, a visão única da dogmática cristã e da ação chamada política emancipatória ou libertária eram únicas. Não percebiam a relação entre *reconhecimento e redistribuição* quando se falava de justiça social na linha evocada pela filósofa e socióloga norte-americana Nancy Fraser. Não pareciam perceber que nas instituições sociais e especialmente nas igrejas não havia um reconhecimento real das capacidades das mulheres em pensar o mundo e em reivindicar e viver uma real redistribuição de responsabilidades sociais e eclesiais. Não pareciam perceber a relação íntima entre as injustiças sociais e as injustiças de gênero muitas vezes apagadas ou escondidas na *'opção pelos pobres'* que caracterizava o linguajar teológico deste período de nossa história. Na prática éramos ignoradas, embora se admitisse teoricamente o igual respeito a todos os seres humanos. Certamente nossa consciência social de mulheres teólogas não era homogênea e nossas vozes nem sempre eram convergentes em relação à causa feminista e social. As ambiguidades do mundo patriarcal e sua força social também nos habitavam.

Na mesma linha não posso esquecer do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviço a Evangelização e Educação Popular), que completou este ano de 2022, 40 anos de existência e no qual trabalhei por mais de 10 anos. Lembro-me da diversidade de participantes e de professores das mais variadas denominações que se esforçavam por buscar através da formação social e teológica caminhos alternativos de libertação da América Latina. Chegamos também a introduzir seminários sobre feminismo e convidar teólogas de diferentes lugares para colaborarem na formação, porém os resultados institucionais nas igrejas foram poucos.

Para além desse contexto sócio teológico vale agora refletir de forma mais direta e em grandes linhas sobre o que o feminismo trouxe para o ecumenismo, ou seja, sua contribuição para a mudança de comportamentos e conteúdo. Falar de feminismo e ecumenismo é em primeiro lugar falar da união no combate às desigualdades sociais, na união na busca de justiça social de gênero na vida das mulheres cristãs e falar na necessária transformação dos conteúdos teológicos eminentemente androcêntricos.

Tomamos consciência de que as desigualdades de gênero tocavam em cheio as Igrejas e que elas eram responsáveis em grande parte por sua reprodução, sobretudo através de conteúdos teológicos que reforçavam comportamentos sociais discriminatórios. Usavam o nome de Deus e a Bíblia para justificar posições de dominação, legalismo e intransigência. Por isso, não se tratava apenas de mudança nas estruturas e nas formalidades de linguagem nas igrejas cristãs, mas na transformação de muitos conteúdos teológicos que sustentam as interpretações bíblicas e as ações éticas e pastorais. Transformar esses conteúdos era um desafio imenso, pois os havíamos naturalizado como sendo parte integrante da tradição cristã. Faziam parte da especificidade do cristianismo e não nos sentíamos no direito de mudá-las em vista de um benefício próprio. A noção de revelação divina parecia entranhada nas diferentes formas de nossa educação cristã, uma



revelação de cunho eminentemente patriarcal e androcêntrico. Aderir a ela era obedecer à vontade divina.

O feminismo de diferentes procedências nos mostrava o quanto os conteúdos teológicos ajudavam a manter as desigualdades sociais e as desigualdades de gênero e nos desafiava a repensar teorias e argumentos filosóficos e teológicos do mundo patriarcal religioso. O desafio era enorme, sobretudo porque nossas emoções religiosas, as tradições de nossas igrejas, haviam modelado nossa forma de pensar, de sentir e atuar. Nossa luta implicava uma luta também no interior de nós mesmas.

Passamos por um processo longo de dúvidas e de estudos variados até percebermos algo do que ainda continuamos a buscar hoje. Não queríamos ser apenas incluídas na mesma doutrina elaborada pelo mundo patriarcal, mas, queríamos pensar a herança cristã a partir de nossos corpos e de nossas circunstâncias atuais. Nosso tempo, nosso mundo e nossa percepção eram diferentes dos nascidos do mundo patriarcal.

Ainda hoje, continuamos a buscar novos caminhos apesar do imenso sofrimento pessoal e comunitário, visto que as situações reais de nosso mundo tendem a rejeitar as novidades que apresentamos. Muitos conteúdos discriminatórios fazem ainda parte de nossa cultura religiosa, das formas de educação recebida e sem perceber continuamos a transmiti-los apesar das nossas dúvidas.

Fomos habituadas a receber conteúdos religiosos das autoridades masculinas e a não pensar sobre elas de forma pessoal. O mundo patriarcal nos educou a partir de um modelo de autoridade específica e nossas dúvidas muitas vezes nos faziam tremer as entranhas ou criavam uma espécie de culpabilidade religiosa que nos tornava inseguras e às vezes inativas. Nos haviam dito que aquela teologia ensinada era lei divina e que não podíamos duvidar dela, não podíamos modificá-la sob o risco de deixarmos de ser cristãs. Buscamos então a igualdade nos ministérios sob a forma declaradamente masculina e isso foi mais ou menos conseguido por algumas igrejas da Reforma. A Igreja Católica Romana, por sua vez, manteve sua milenar exclusão das mulheres dos chamados ministérios ordenados, embora continuássemos a servir nas igrejas segundo algumas permissões supervisionadas pelo clero. As conquistas que obtivemos, na realidade, não tocaram os pilares de sustentação da teologia cristã que havíamos recebido e era preciso ir mais longe.

O feminismo igualmente nos iniciou na **suspeita** em relação à organização social, aos valores culturais e religiosos que nos mantinham cativas de um sistema que nos violentava e impedia o desabrochar de nossas vidas. Porém, o feminismo não nos dava elementos para mudar os pilares teológicos que havíamos recebido. Tínhamos que refletir a partir de nós mesmas, de nossas tradições e de nossas necessidades vitais. Começamos um árduo trabalho de pesquisa e

reflexão buscando descobrir o que de fato sustentava, do ponto de vista antropológico e filosófico, as afirmações teológicas fundadas numa metafísica de corte eminentemente patriarcal.

As Igrejas mais abertas em geral acolhiam o discurso sobre a injustiça de classes, porém, não acolhiam as injustiças de gênero e nem permitiam que se falasse de relações de gênero no interior da própria elaboração teológica e da leitura bíblica. Era considerado herético duvidar da 'Palavra de Deus', dos dogmas cristológicos que fundamentaram a divindade de Jesus, dos conflitos entre o corpo e o espírito localizados especialmente em assuntos relativos à sexualidade. Então, o proibido nos atraiu e nos incitou a visitá-lo de forma crítica. Foi isso que começamos a fazer em vários ritmos e intensidades.

Lembro-me da afetuosa cumplicidade que nasceu entre nós mulheres de diferentes igrejas cristãs. Algo admirável que subsiste até os dias de hoje. Na maioria das vezes nem nos lembrávamos das denominações às quais pertencíamos, pois estas pareciam nos distanciar de algo bem maior que buscávamos. Na verdade, buscávamos uma leitura bíblica e uma construção teológica para além dos limites da história passada que nos dividia, para além de decretos conciliares e eclesiásticos, de decisões políticas da modernidade. Era como se nos uníssemos em torno à novidade de nossa exclusão e de nossa emancipação, da busca de reler e rever conteúdos teológicos que nos discriminavam ou nos inferiorizavam. Isso tinha gosto de novidade, de comida sadia para nossos corpos, de sorrisos e alegrias partilhadas frente à inúmeras pequenas descobertas. Tudo isso se dava também num contexto de compromisso social e político com as/os marginalizados. Percebíamos o quanto nossas igrejas, apesar de uma preocupação com os mais pobres, tinham também seus conteúdos obedientes à manutenção das classes sociais, das formas do capitalismo vigente e da divisão social do trabalho autorizada pelo mundo patriarcal. Um maravilhoso processo de transgressão de conteúdos e de ações começou a se delinear entre nós. Nos reconhecíamos participantes de um mesmo movimento emancipatório para além das tendências presentes em nossas denominações eclesiásticas. Não éramos a maioria em nossas igrejas, mas sabíamos fazer barulho e reivindicar mudanças significativas ou vivê-las em pequenas atitudes cotidianas.

Sempre me senti muito acolhida pelas Igrejas tecidas da Reforma. Foi da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que recebi o título de Doutora *Honoris Causa*, título pelo qual tenho grande apreço. Na ocasião eu estava doente e acompanhei a cerimônia pública através da internet. Uma amiga me representou para receber o título e muita ternura me foi transmitida naquele momento e depois.

Muitas vezes ousou pensar que nós mulheres rompemos com as diferenças institucionais separatistas e estamos tecendo juntas uma outra maneira de viver o cristianismo. Intuímos algo profundo em relação aos limites de todos os acontecimentos e temos sido capazes de sublinhar

mais a força do presente e de suas exigências como orientação de nossas vidas. Uma chama nova ilumina nossas mentes e nossos corações.

Feminismo e diálogo interreligioso

O diálogo interreligioso veio mais tarde entre as teólogas feministas. Para mim foi na década de 1990, quando comecei a me aproximar das religiões de matriz africana. Conheci primeiro a querida Ialorixá Mãe Estela de Oxóssi e o encontro com ela foi decisivo para me abrir à diversidade das crenças e descobrir um fundo comum de semelhanças éticas. Impressionou-me passar dois ou três dias com ela no Ilê Axé Afonjá em Salvador e tê-la presente em alguns encontros de teólogas feministas. Depois veio o contato mais próximo com as literatas negras, as pensadoras e as teólogas, sobretudo as norte americanas, que marcaram o início de uma problemática rica até então ainda distante de mim.

Creio que aqui também a questão do reconhecimento e da redistribuição entrava em cheio. Reconhecíamos na América Latina a matriz africana como parte de nossa história, porém, não pensávamos de maneira clara na questão da redistribuição dos sentidos religiosos, no aprendizado real uns dos outros e na contribuição coletiva para a construção de novos modelos de sociedade. No fundo, muitas formas de aproximação foram mais superficiais e até houve uma tentativa de fazer proselitismo libertário no mundo de matriz africana e no mundo das tradições indígenas. Fez-se um tímido aprendizado das raízes africanas e indígenas do povo latino-americano porque guardávamos ainda escondida a crença em nossa superioridade cognitiva do mundo, em nossas ciências humanas brancas, em nossas teologias provenientes do primeiro mundo.

Análises econômicas da vida de negros/as e indígenas muitas vezes eram reduzidas ao adjetivo ou ao substantivo **pobres** e submetidas a análises 'brancas' que julgávamos certamente como as mais científicas. Elas e eles eram os pobres, objeto de nossa preocupação. Eles se incluíam na revolução social distributiva que imaginávamos sem, no entanto, nos aproximarmos de suas formas de vida, de sua riqueza cultural e de suas tradições interpretativas do mundo. Para eles, dizíamos, que o Evangelho também fora anunciado como se novamente o monoteísmo branco de corte teológico europeu universalista pudesse abrir de novo seus braços para acolher e salvar aqueles que foram outrora e ainda são hoje explorados.

Difícil explicar meu sentimento em relação a essa situação. Um mal-estar e uma espécie de incômodo emocional e cognitivo me toma e não sei explicar bem essa situação. É como um espinho na carne...

Nós os/as libertárias cristãs agora estávamos saindo da condição de herdeiros/as do colonialismo e oferecendo um cristianismo inclusivo onde a dominação da teologia branca ainda prevalecia apesar dos tons negros, indígenas e outros que eram introduzidos. Alguns/algumas



arautos da libertação não incluíam as questões identitárias de gênero e de culturas como fundamentais para os processos emancipatórios, mas acreditavam na possibilidade de unirmos todos os saberes acumulados numa espécie de leitura única do mundo. Mais uma vez meu pensamento se encontra como num impasse à primeira vista sem saída. Como conjugar a diversidade de culturas e religiões com políticas e economias que favoreçam a vida de todas as pessoas? A pergunta tão vasta quanto o mundo não tinha e não tem uma resposta única e teórica. Percebi que era preciso conviver com as pessoas diferentes, tomar café junto, provar de sua comida e participar de suas festas para apenas nos tornarmos próximas umas das outras e começar a compreender algo de suas vidas.

Ouso afirmar que o feminismo dos anos 2000 na América Latina deu um passo decisivo para que uma outra abordagem começasse a nascer entre nós. Muitas de nós reafirmamos nossas raízes africanas, indígenas e outras através do reconhecimento de nossa ancestralidade e percebemos o quanto, até nas nossas análises libertárias, desenvolvíamos uma espécie de colonialismo cultural e emocional. Não podíamos suportar a ideia de que nossas teologias, mesmo as consideradas da libertação, tivessem excluído mulheres negras e indígenas de diferentes nações e que buscávamos soluções rápidas para esse limite. Havia uma espécie de culpabilidade que nos habitava e até modelava. Quase inconscientemente nossos comportamentos e nossas emoções nos levavam a reconhecer mundos culturais diferentes do nosso, porém, esse reconhecimento cheio de ambiguidades necessitava afirmar-se de outras maneiras. Foi assim que algumas feministas resgataram sua língua mãe indígena e africana e começaram a aprender sobre uma história diferente daquela contada pelo mundo da colonização europeia. Puseram-se em contato com grupos de indígenas e em contato com países africanos com os quais mantiveram frutuosos intercâmbios. Puseram-se a estudar e a aprender a sentir o mundo diferentemente. Apesar das dificuldades da formação teológica ocidental e patriarcal conseguiram dar passos de gigante para compreender algo mais das cosmovisões ancestrais, reconhecer os mitos, a arte, a música que, embora escondida da chamada 'civilização', continuava viva e fortemente presente.

Alguns encontros se realizaram entre teólogas e ativistas cristãs de diferentes denominações com mulheres indígenas e das religiões de matriz africana. Apesar de nossos limites pudemos perceber o quanto não nos conhecíamos e não nos reconhecíamos como iguais e ao mesmo tempo positivamente e ricamente diferentes. Nós cristãs brancas ainda estávamos cativas da expressão libertária '*opção pelos pobres*' sem tê-la aberto e sem de fato ter afirmado a opressão econômica estrutural que perpassava as relações de gênero nas diferentes religiões. Era como se as religiões pudessem ser o terreno puro não envolto nas contradições inevitáveis da História. Puro engano!

A opção pelos pobres ainda aparecia a nós mulheres brancas como uma lente única para enxergar os diferentes grupos de mulheres na vivência diversa de suas culturas. E com a opção

pelos pobres vinha a culpa branca que nos amarrava e não nos permitia apreciar as belezas do novo encontro que acontecia entre nós. Pouco a pouco os passos na direção de uma amizade comum nos levaram a descobrir-nos umas às outras de outra maneira. Um passo importante foi o de considerarmos o multiculturalismo religioso como uma riqueza e um valor do qual não se pode abrir mão. Ele manifesta os muitos jeitos de se expressar o sentimento de indignação, de beleza, de busca de justiça, embora com nuances diferentes.

Outro passo foi o de perceber que também nas culturas ancestrais houve traições internas, contradições, dominações de gênero e consentimentos que levaram a destruição de muitos povos. No fundo nossa humanidade é comum e não somos todos e todas apenas bons e nem inocentes.

Nessa linha também falar da laicidade do Estado foi bem mais do que referir-se ao cristianismo ainda majoritário em nosso meio. Haveria que estender nossa compreensão política e religiosa para âmbitos culturais maiores.

A meu ver, hoje estamos enfrentando a questão da justiça social e da justiça de gênero como interdependentes em um pano de fundo politicamente multicultural. A alfabetização multicultural está em curso entre nós frente a complexidade da diversidade cultural que nos constitui. Assim como indígenas e negras estudam a teologia cristã estamos sendo convidadas a um novo conhecimento de mundos que nos são desconhecidos. Não basta apenas estudar inglês, francês e alemão para sermos servidores do mercado capitalista e obtermos postos de liderança e reconhecimento nas grandes empresas multinacionais. Não basta estudarmos grego, latim e hebraico para conhecermos os textos antigos e a Bíblia. É preciso nos conhecermos e reconhecermos a partir de nosso habitat humano cultural e aprender uns/umas das outras para enfrentar o desafio de sobreviver como espécie humana nesse planeta que estamos destruindo diariamente. Mais uma vez o feminismo através do *ecofeminismo* nos abre alguns caminhos para irmos mais além dos essencialismos, dos dogmatismos, dos medos e das muitas formas de violência que temos desenvolvido entre nós.

Através do ecofeminismo que abracei faz anos, novos laços têm sido criados e amarrados entre nós mulheres habitantes nesse instante único, nessa terra única, nesse belo planeta azul do qual somos parte e corpo integralmente. Nascemos todas/os dele e morremos e nos transformamos e vivemos dele.

Do ponto de vista do cristianismo e de outras religiões uma nova 'teologia' parece estar em processo de gestação, uma 'teologia' que talvez poderia se chamar de **Sabedoria** de vida dos povos, de **Busca** da verdade comum, de **Algo** que vá mais além de nossos velhos dogmas e que nos abra os corações para aprendermos a nos aproximar uns dos outros/as como terra sagrada na qual temos que pisar com terno cuidado e aprender a cada instante aquilo que a vida está nos ensinando. Nessa linha, aposto na possibilidade de reler a tradição cristã e outras tradições numa



chave ética e estética que nos permita de fato dar-mo-nos as mãos, unir os corações para que tenhamos vida em abundância e usufruamos da exuberante beleza que nos rodeia.

Brevíssima conclusão

Esse foi de forma brevíssima meu itinerário na busca de diálogo ecumênico e interreligioso. O percurso que partilhei foi o que me veio à memória nesse instante da escrita. Certamente há muito mais do que isso e as leitoras e leitores irão completar. Afinal nossas memórias são sempre limitadas e marcadas por esquecimentos e a minha não foge à regra. Porém, a história maior pode ser sempre completada e reinterpretada por todas as leitoras/es desse texto. Convido-as a breves momentos de memória comum em torno a uma xícara de café, um vinho ou um chimarrão. Certamente sairão coisas maravilhosas. Anotem-nas. São a substância de nossas lutas, de nossa história passada e presente tecendo fios para serem continuados no futuro.

Como o título de um livro de Conceição Evaristo vasculhei e entreguei-lhes alguns becos de minhas memórias. Por isso, termino este relato com um parágrafo dela, tirado da apresentação de seu livro: “[...] Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E como a memória esquece, surge a necessidade da invenção”¹.

Este processo é inerente ao contar um acontecimento ou ao contar-se. Por isso, convido-as a sempre que possível retomar e recontar memórias, a juntar pedacinhos daqui e dali, a reinventar coisas, a atar fios e perceber que a história real é sempre maior do que aquilo que podemos contar sobre ela.

Referência

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. (Apresentação: ‘Da construção de Becos’).

Recebido em: 16 set. 2022.

Aceito em: 16 set. 2022.

¹ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. (Apresentação: ‘Da construção de Becos’).